

MURAL ENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
AV. COSTÁBILE ROMANO, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2024

ANO 9 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: ZILEIDE CASSIANO

O grande salto de Zileide Cassiano

De Ribeirão Preto às Paralimpíadas de Paris: O salto que levou Zileide a conquistar a prata

Repórteres: Ana Luiza Mattar e Luisa Casadio

Zileide Cassiano, paratleta de 26 anos e natural de Ribeirão Preto, marcou sua trajetória no salto em distância nas Paralimpíadas de Paris 2024. O seu salto atingiu a marca de 5,76m, o que garantiu à ribeirãopretana uma medalha de prata. Zileide compete pela categoria T20, que é composta por deficientes intelectuais. Sua paixão pelo salto não foi à primeira vista. Ela começou sua carreira de atleta nos 100 metros rasos e somente em 2021 passou a treinar e competir pelo salto em distância.

MURAL ENTREVISTA – Qual a história por trás do seu nome?

ZILEIDE CASSIANO – Então, meu nome original é Zileide Cassiano Severino e da Silva é meu nome de casada. Quando eu nasci, meu pai assistia na televisão a Zileide (jornalista). E ele falou: “Na época era difícil aparecer gente negra na televisão, então se essa moça conseguiu chegar lá, com esse nome, eu vou colocar o nome da minha filha também, porque eu creio que a minha filha vai estar nessa posição”.

E como surgiu a sua paixão pelo esporte?

Eu fui muito incentivada, principalmente pelo meu pai. Quando eu nasci meu pai sempre falou: “minha filha vai fazer um esporte”. E eu sou uma pessoa, como posso dizer, muito fechada, retraída. Aí o meu pai falou, vou colocar ela no esporte, para desenvolver ela. Abriu uma inscrição na Cava do Bosque. O meu sonho era fazer balé, só que não tinha. Aí meu pai falou se eu queria fazer ginástica e na minha cabeça, balé e ginástica era tudo igual. Cheguei para fazer o teste, mas eu fui a

primeira eliminada. Aí eu fui fazer judô. Eu até tentei, de verdade, mas todo mundo passava para a faixa azul e eu continuava na branca. O esporte que tinha inscrição sobrando era o atletismo, de primeira eu gostei e foi tão natural para mim que quando eu subi na pista e comecei a treinar, eu não tive dificuldade. Tinha algumas coisas que eu não conseguia pegar direito? Tinha, mas um dos meus incentivos era que eu era mais rápida que os meninos.

Quando percebeu que tinha potencial para se tornar atleta?

Eu tentei fazer outros esportes a partir dos 6 anos, mas não desenvolveu, aí eu comecei mesmo com 9 anos. Eu treinava, mas não me via disputando. Mas, os professores falavam pro meu pai assim: “ó, essa menina tem talento pra correr”. E meu pai falou assim: “Três professores falaram que você tem talento pra correr”. E tipo, tinha umas meninas muito boas na época, só que elas eram adultas. Mas, eu fui crescendo e fui chegando perto delas. E eu fui ganhando medalhas também durante as competições pequenas, as regionais. Meu pai falava muito isso pra mim: “Zileide, cê é boa”. Aí eu comecei a ver que tinha talento pra correr. Nessa época eu não fazia salto a distância ainda, eu só corria os 100 e 200m. Aí eu encontrei meu treinador na época, Guilherme, e eu comecei a me desenvolver melhor. Nessa época, eu fui convocada para participar do Panamericano. Quando eu fui convocada, vi que realmente tinha talento.

Quando veio o seu diagnóstico de deficiente intelectual que te levou a competir pelo paralímpico?

O meu diagnóstico veio com 6 anos. O meu irmão é autista, ele tem um nível mais grave, ele é não verbal. Ele sempre



Fonte: Comitê Paralímpico Brasileiro

teve acompanhamento profissional e quando ia nas consultas, minha mãe levava eu junto e o médico viu que eu também tinha algo e eu fui diagnosticada com deficiência intelectual. Eu tenho dificuldade de aprendizagem e de lembrar das coisas. E eu conheci o paralímpico com um treinador chamado André Calhães. Eu não sabia que deficiência intelectual também se encaixava no paralímpico, para mim era só deficiência física. Eu consegui entrar no paralímpico, porém não tinha os 100 e 200 metros que eram a minha prova no olímpico, tinha o salto em distância. Nós nos adaptamos, mudei de treinador. Foi uma luta, fiquei um ano treinando e peguei na minha primeira competição uma marca de 5,63m e fiquei muito feliz. Esse salto me fez competir na minha primeira prova internacional, na Austrália. Depois veio o Mundial e depois as Paralimpíadas. Eu me achei no salto em distância.

Mudou alguma coisa no seu treino após o diagnóstico?

Para falar a verdade, quando eu entrei no atletismo foi mais fácil. Não vou negar, eu tive que me adaptar. Eu tenho que me adaptar muito

para as coisas. As pessoas vivem uma vida tranquila e eu já tenho que me esforçar mais para estar no mesmo nível. Então, o atletismo fez eu sair da minha bolha e tentar acompanhar as outras pessoas. Quando eu estava no olímpico, tinha que estar em um nível que eu nunca chegava. Quando eu entrei para o paralímpico saiu um peso das minhas costas. Eu falei: “aqui eu não preciso estar em um (outro) nível, eu posso estar no meu. Então foi muito libertador. Eu senti que eu podia ser eu, podia me sentir livre.

Além do seu pai, outras pessoas da sua família também te apoiaram?

Tiveram quatro pivôs. Meu pai, minha mãe, meu irmão e meu marido. Meu pai sempre me apoiou e buscou fazer de tudo para facilitar para mim. Ele fez uma pista de 100 metros e depois fez a caixa de salto. Minha mãe também, sempre com o jeitinho dela, e eu pensava muito no meu irmão, em melhorar a vida dele e da minha família. Meu marido também sempre me ajudou a ficar mais tranquila.

Você pretende participar de outras Paralimpíadas? Quais são os seus próximos saltos na carreira?

Ahh! Eu quero. Eu quero correr atrás de três

Paralimpíadas. Então a gente está treinando e vai treinar mais ainda, pra conquistar o ouro, ou a medalha que tiver, qualquer medalha está ótimo. Só de estar competindo a paralimpíada de novo, eu quero participar. O ano que vem tem o Mundial, na Índia, e eu estou treinando para isso, para conseguir o índice. Tem o ParaPan também. Então ainda não acabou, tem muitos passos ainda para as próximas Paraolimpíadas. ◆

EXPEDIENTE

O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.

COORDENAÇÃO DO CURSO DE JORNALISMO

Profº Geraldo José Santiago

ORIENTAÇÃO E EDIÇÃO

Profª Elivanete Zuppolini Barbi

PAUTAS, ENTREVISTAS E REDAÇÃO

Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa

APOIO TÉCNICO

Janio Warlem (Lecograf-Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)